

BIONDI, Karina. 2018. Proibido Roubar na Quebrada: Território, Hierarquia e Lei no PCC. São Paulo: Terceiro Nome.

Michel Cícero Magalhães de Melo

Mestrando em Antropologia na Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF)

[michelciceromelo@hotmail.com](mailto:michelciceromelo@hotmail.com)

O livro de Karina Biondi, atualmente professora na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, foi premiado como melhor tese de doutorado na seção brasileira do Latin American Studies Association (LASA) em 2015. É fruto de uma pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS/UFSCar) acerca das dinâmicas de funcionamento do PCC nas ruas, além de procurar examinar suas continuidades e descontinuidades em relação ao espaço prisional. Com prefácio de Ana Claudia Marques e apresentação de Jorge Mattar Villela, o livro se divide em três partes, a primeira tratando de Movimento (e território), a segunda das Ideias (e hierarquia) e a terceira das Situações (e lei).

O trabalho de campo para a realização deste livro apresentou-se como um desafio. Para dar conta de um movimento que não se restringe aos *irmãos*<sup>1</sup> (: 33), que são os atores que compõem o PCC, é necessário pensar como essa força, o PCC-transcendência, é dotado de certa autonomia e capacidade de gestão de um coletivo independente de vínculos territoriais e interpessoais instáveis. Para tal, buscou seguir o curso do movimento e daqueles que o compõem, estando interessada nas práticas de conhecimento que estes atores produzem e refletem, além do resultado dessa singular produção e concepção de mundo.

Outra forma de lidar com a problemática do movimento foi a adoção de duas estratégias (: 49): a primeira, a nomeação dos capítulos com noções vividas pela

---

1 Conforme advertido por Karina Biondi (: 29) as palavras gravadas em itálico se referem a termos e expressões que não só são utilizados por aqueles que compõem o *Movimento*, como também fazem parte dessa composição.

*malandragem*; a segunda, o bloqueio de alguns termos que ficavam orbitando para que se tornasse mais nítido o que se procurava descrever e, na medida em que eram descritos, se conectassem uns aos outros, formando uma rede. Sendo assim, o livro não apresenta o *Comando* em contraste com algo exterior a ele e não aborda vários aspectos do PCC, e sim, os elementos que se articulam em seu interior. Portanto, ao invés de apresentar um livro sobre violência, crime (no sentido jurídico da palavra), segurança pública ou apresentar uma radiografia ou essência do PCC, Karina Biondi está interessada nas diferenças que operam em seu interior, buscando percorrer os diversos *ritmos* que o compõem a partir do ponto de vista de um dos comandos que ela observa (: 54-55).

No percurso dos *ritmos*, a primeira parte do livro se detém na dinâmica dos *ladrões* entre a *quebrada* e a cadeia (: 70), numa atuação não isolada entre os dois polos, mas em *sintonia* (: 93). Ao invés de delimitar localidades estáticas, demonstra como o PCC é dinâmico e foge de versões totalizantes de sua composição, não existindo apenas um movimento, mas uma composição de diversos movimentos que se entrelaçam. A questão está na diferença que se apresenta no interior do *Comando*, e como as *ideias*, os *movimentos* e as *situações* moldam a sua composição e as suas relações, não existindo predefinições dadas, mas uma eterna busca pelo debate do que é o *certo* (: 329) e do que é estar correndo pelo *certo*, sendo o *certo* apenas um só.

As *ideias*, que são abordadas na parte 2 do livro, têm um debate central na forma como o PCC se compõe e se produz, ou seja, no fazer-PCC. Nessa rede de movimentos que comportam múltiplos atores e tecnologias em fluxos contínuos, as *brechas*, em um primeiro momento, geram um incômodo por parecerem lacunas e incompletudes do trabalho etnográfico que impossibilitariam a antropóloga uma visão da totalidade (: 133). No entanto, Biondi descreve a enorme preocupação dos *ladrões* em não deixar brechas (: 141), e como essas *brechas* podem ser deixadas no gelo, se fortalecerem, repercutirem ou morrerem em decorrência das *situações*. A importância da oralidade se apresenta como um fator fundamental dessa dinâmica, sendo o cuidado com as palavras um ponto chave das *ideias*, pois os *ladrões* ganham força fazendo suas ideias repercutirem e serem abraçadas por outros *ladrões* (: 203). A força justamente consiste na capacidade do *ladrão* de convencer os outros a seguirem suas *ideias* e abraçá-las sem que isso pareça uma imposição. Estes *ladrões* geralmente ocupam posições de *resposta* no *Comando* justamente por serem tidos como indivíduos com *visão* (: 231) e *conhecimento* (: 226). Um *ladrão* que possua tais habilidades consegue mais facilmente fazer suas *ideias* repercutirem ou serem abraçadas pela *malandragem*.

Compreender a complexidade do PCC é entender que não há uma rede de mando,

os lemas estabelecidos no papel e os *salve* ou *avais*, não operam da mesma forma em todos os lugares como uma espécie de hierarquia de mando e obediência, mas conectam-se às especificidades locais e são levados ao *debate* para saber a melhor forma de se adaptarem naquele contexto específico (: 285). O movimento é aberto a infinitas variações que dependem dessa rede de *ideias, conhecimentos, visões e sintonias* que estabelecem um fluxo. Dentro dessa complexidade, a noção de *brecha* dos *ladrões*, que nada tem a ver com vazio ou incompletude, evidencia uma rede de cálculos complexos acerca de *consequências* e das formas que eles trabalham na *brecha*. Uma *brecha* não tem existência natural, ela surge no momento em que é *pega* ou *encontrada*, ou seja, as *brechas* são produzidas no interior das *situações* em movimento, dependendo da habilidade e destreza dos que as associaram para que possam ser abraçadas e levadas adiante (: 160-161).

Karina Biondi demonstra ser totalmente inadequado associar os *debates* aos tribunais (: 325), pois a dinâmica das *ideias* que neles fluem entre os *ladrões* é totalmente diversa e imprevisível (: 319-320). Quando, por exemplo, atores de *quebradas* diferentes são convocados para comparecer ao debate, os mecanismos acionados e a rede que se estabelece para ver quem está correndo pelo *certo* são amplos, não se restringindo a aspectos territoriais. A configuração não é previamente estabelecida como nos tribunais (: 322) e, muito menos, há alguma espécie de código. Além disso, não há um lugar fixo ou uma duração estabelecida para a defesa e a para a acusação, como é comum nos tribunais (: 320-321).

Há possibilidades de *debates* marcados nunca chegarem a acontecer, ou aqueles que se encerram antes do fim para que algum *ladrão* possa resolver uma *fita* mais urgente. Há outros ainda que depois de um tempo suspensos voltam a acontecer. As *ideias* no *debate* podem morrer, serem deixadas no gelo ou voltarem a repercutir a depender da *situação*. Com isso, não há um vencedor ou ganhador do debate, mas a busca por um consenso e o uso de diversas estratégias pelos *malandros* a fim de repercutirem e fazerem prevalecer suas *ideias*, como *entrar na mente do outro* (: 296). Portanto, em sua forma, objeto e nos procedimentos além da valorização do indivíduo pelo coletivo, os *debates* se mostram totalmente diferente dos tribunais.

Nessa dinâmica, o *certo* surge como categoria fundamental para compreender toda a cadeia de *movimentos* e *situações* apresentadas pelos *ladrões*. Correr pelo *certo* é “estar na ética” ou “na disciplina” do *Comando* que junto com as noções de *justiça* e *lei* são as bases que sustentam e giram em torno do *certo*. Entrelaçados, esses conceitos são como um código de conduta da *malandragem* que conduz suas ações sempre pautadas no *certo*. Nesse contexto, a *malandragem* afirma que *o certo é um só*, sendo este não definido ou

presidido por leis, códigos ou regulamentos exteriores, mas por *situações* que o definem (: 358) e que estão em constante movimento e debate.

Descrevendo como as *ideias* e os *ritmos* compõem o *movimento*, sem abordar as aparentes incompletudes como conjuntos de contradições, fragmentos, faltas de controle ou de informação, o livro permitiu um novo olhar acerca da singularidade do *Comando* e os seus *movimentos*, além das suas múltiplas formas de ação e existência. Deixando-se trabalhar nas *brechas* e na variação de *ritmos*, Karina Biondi buscou entender a dinâmica dos *fluxos* que se apresentavam em seu trabalho etnográfico, não colocando seus interlocutores em contraposição às leis, códigos ou organizações estatais e levando-os a sério, como produtores e operacionalizadores do seu próprio conhecimento, de seus conceitos e de seus modos de vida.

Recebida em 22 de dezembro de 2018.

Aceita em 15 de março de 2019.